ANTÓNIO DA COSTA LOPES
DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE FILOSOFIA E LETRAS

MEYERSON E A TEORIA DO CONHECIMENTO

NOTAS CRÍTICAS

EDIÇÕES "CENÁCULO"
BRAGA • 1961

BARCELOS
3)
Meyerson,Émile(04
OP

ANTÓNIO DA COSTA LOPES
DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE FILOSOFIA E LETRAS

MEYERSON E A TEORIA DO CONHECIMENTO

NOTAS CRÍTICAS

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 28635
Perm. Barcelos

EDIÇÕES "CENÁCULO"
BRAGA • 1961

DO AUTOR:

Gomes Pereira. Estudo bio-bibliográfico. Barcelos, 1950.

Pequena história dum grande seminário. Braga, 1950. Esgotado.

Realismo do senso comum e realismo da ciência na filosofia de Meyerson. Braga, 1959.

Martim de Ginzo, jogral português. Braga, 1960. Esgotado.

Separata da revista
CENÁCULO,
2.ª série, I (1961-1962), fasc. I

I

EM publicação recente[1] adverti que o grande filósofo das ciências Emílio Meyerson se propôs o seguinte programa: estudar a marcha do pensamento científico para, em seguida, generalizar as conclusões desse estudo, estendendo-as ao pensamento comum. Por outras palavras: a investigação meyersoniana ultrapassa os confins da pura epistemologia — se por esta palavra se entender exclusivamente a filosofia das ciências ou teoria do conhecimento científico — e pretende abranger o campo, mais largo, duma teoria geral do conhecimento ou duma « filosofia do intelecto ».

Observei, ainda, que esta « teoria do conhecimento » ou « filosofia do intelecto » assume neste filósofo um sentido peculiar. Com efeito, — observa ele — quando se fala de teoria do conhecimento, trata-se geralmente duma teoria do conhecimento *verdadeiro*, de uma teoria essencialmente *normativa*, portanto; ao passo que, como expressamente declara Meyerson, todas as considerações de ordem normativa são alheias à sua teoria. Assim, ao estudar a «marcha», o «funcionamento» ou o «mecanismo íntimo» do pensamento, pretende Meyerson abster-se de toda e qualquer investigação ou especulação pròpriamente metafísica ou, mais concretamente, de toda a investigação ou especulação que verse directa e expressamente sobre o problema crítico, que é o problema básico da metafísica.

É sabido que uma das posições características deste filósofo consiste em

1 *Realismo do senso comum e realismo da ciência na filosofia de Meyerson*, Braga, 1959, pp. 4-5. Com excepção da bibliografia e dos índices, esse trabalho, que é um excerto da minha tese doutoral, foi publicado também na *Revista portuguesa de filosofia*, XV (1959), pp. 387-406, e XVI (1960), pp. 19-47. Nas citações empregarei sòmente a primeira palavra do título: *Realismo*.

afirmar e mostrar superabundantemente que o homem de ciência, tanto como o homem vulgar, procede como realista [2]. A ciência—diz—comporta-se como realista no sentido filosófico desta palavra [3], pois crê *firmemente, invariàvelmente, constantemente,* «dur comme fer», na *existência* do real transubjectivo, quaisquer que sejam as difilculdades e até a ignorância acerca da *essência* desse mesmo real [4].

Qual é, porém, o valor que Meyerson atribui a esta «verificação fundamental», a este «facto indubitável» [5] do comportamento realístico do cientista? Será esse um facto de tal significação, que quem o reconhece e afirma seja por isso mesmo obrigado a abraçar o realismo crítico-metafísico, única posição filosófica que parece estar de harmonia com tal verificação?

O ilustre epistemólogo optou pela negativa: da sua parte, ele não reconhece ao realismo da ciência um carácter verdadeiramente definitivo ou filosòficamente válido, mas considera-o apenas provisório, tanto no que se refere à essência como à existência do real [6]. Deste modo, não se deveria dizer que a ciência nos fornece uma «ontologia» ou uma «metafísica» no sentido realístico-filosófico. A propósito da «metafísica» da ciência, Meyerson teve até ocasião de declarar, penitenciando-se, que tal terminologia é «viciosa» [7].

Qual será, nesse caso, em ordem à fundamentação da metafísica, o préstimo dos resultados que ele colheu do exame histórico-analítico a que submeteu a ciência?

Segundo Meyerson, tais resultados não poderão servir de mais que de *base* ou de *prolegómenos* à metafísica. Em linguagem figurada, eles serão, não uma «construção habitável», mas antes um «envasamento» que está clamando por um «verdadeiro edifício» que se lhe venha sobrepor. Ora o «estilo» do «edifício» não dependerá necessàriamente do das «fundações». Por

2 Cf. *Realismo*, pp. 39-51.

3 Cf. *La déduction relativiste*, Paris, 1925, p. 26: «Ainsi la science est nécessairement et essentiellement réaliste, dans le sens philosophique de ce terme».

4 Cf. especialmente *Du cheminement de la pensée*, Paris, 1931, pp. 72-73, 119,799; *Réel et déterminisme dans la physique quantique*, Paris, 1933, p. 21; *Le physicien et le réel*, em *Le mois*, I (1931), p. 267. Procurei no texto, por meio de sublinhas e de aspas, reproduzir a linguagem inequívoca do Autor a este respeito.

5 *De l'explication dans les sciences* [2], Paris, 1927, p. 7.

6 Cf. *De l'explication dans les sciences* [2], p. 524; *Du cheminement de la pensée*, pp. 105, 405. Em *Correspondance entre Harald Höffding et Émile Meyerson*, Copenhague, 1939, p. 84, Meyerson aprova a interpretação do seu pensamento apresentada por Höffding numa carta em que este último filósofo lhe dissera: «Vous maintenez toujours que les savants croient à la réalité de leurs résultats, mais vous ne croyez pas à une vérité définitive» (*ibid.*, p. 82).

7 *Correspondance...*, p. 84 (em resposta às observações de Höffding, que se encontram *ibid.*, pp. 82-83).

isso, na opinião do próprio filósofo, os resultados das suas aturadas investigações *nada* aproveitam *(ne fournissent pour ainsi dire rien)* à metafísica[8].

Não se veja nesta declaração o pessimismo dum simples desabafo de modéstia com que se reconhecem ou lamentam os limites ou a estreiteza dos resultados que se esperava tirar de determinado empreendimento. Não; a modéstia de que se trata aqui não é senão o eco da modéstia programática do epistemólogo que, como adverti, pretendeu limitar o seu estudo à investigação das vias reais do pensamento e abster-se de toda a especulação pròpriamente metafísica.

Será, todavia, possível estudar a marcha real do pensamento sem por isso mesmo agitar problemas crítico-metafísicos? E não implicará a pretensão de excluir a consideração destes problemas, não implicará essa mesma pretensão um preconceito de ordem crítico-metafísica? Mais concretamente ainda: terá Meyerson podido e sabido abster-se de toda a especulação deste género?

Eis a questão a que me proponho dar resposta. E a resposta será, creio, instrutiva e frutífera, pois deixará ver porque é que o filósofo não atribuía valor definitivo e filosófico ao realismo da ciência; explicará o motivo da sua ἐποχή programática; e permitirá indicar em que sentido e sob quais condições a obra de Meyerson, longe de ser inútil, constitui até uma preciosa contribuição para o esclarecimento e a solução do problema crítico.

II

Antes de mais, julgo ilusório o programa ametafísico de Meyerson.

Pretender excluir do estudo da marcha real do pensamento toda a consideração crítico-metafísica é tentar fugir à questão do valor dos nossos conhecimentos, é negar a exigência crítica. Ora, tal como sucede com a exigência filosófica ou necessidade de filosofar, a qual é necessàriamente afirmada até por aquele mesmo que tenta negá-la[9], assim também a exigência crítica é de tal modo fundamental e impõe-se-nos de maneira tão imperiosa, que o negá-la ou o tentar esquivar-se-lhe implica já a aceitação da mesma. Com efeito, quem expressamente a nega ou expressamente pretende furtar-se-

[8] *Correspondance...*, pp. 18-19; cf. p. 40 e *De l'explication dans les sciences* [2], p. 12.

[9] Recorde-se o dito de *ARISTÓTELES* no *Protréptico*: *εἴτε φιλοσοφητέον εἴτε μὴ φιλοσοφητέον, φιλοσοφητέον. ἀλλὰ μὴν ἢ φιλοσοφητέον ἢ οὐ φιλοσοφητέον· πάντως ἄρα φιλοσοφητέον* (cf. *Aristotelis Fragmenta*, ed. V. Rose, Leipzig, 1886, p. 57).

-lhe, forçosamente deve basear esta mesma atitude em razões de ordem crítica, reconhecendo assim de facto a necessidade de tratar, dalgum modo pelo menos, do problema crítico [10].

Quais terão sido essas razões, no caso de Meyerson?

Não duvidando, embora, do influxo que a mentalidade antimetafísica do positivismo terá exercido sobre este filósofo [11], julgo, todavia, que o seu modo de proceder se pode explicar com mais precisão ainda, como adiante se verá.

O que sem demora posso já notar é que, não menos do que em Augusto Comte — em cujo sistema, como justamente observou E. Boutroux, se encontram «indícios de uma metafísica mais ou menos latente» [12], apesar da característica aversão do Autor do *Curso* pela metafísica —, não menos do que em Augusto Comte, também na obra de Meyerson encontro uma posição que é abertamente crítico-metafísica, por muito que o ilustre filósofo proteste abter-se de especulações desta ordem: refiro-me à afirmação do carácter exclusivamente imanente do conhecimento, afirmação esta que é, como se sabe, o princípio fundamental do idealismo [13].

Na verdade, segundo a interpretação meyersoniana, o realismo vulgar (e também o científico, porque derivado daquele) funda-se, em última análise, nas sensações, que são os elementos primordiais da percepção, a «matéria prima sobre que o senso comum trabalha»; ora, segundo a mesma interpretação, as sensações não passam de simples fenómenos no sentido fenomenístico ou idealístico desta palavra, isto é, são estados de consciência meramente subjectivos, são «desprovidas de toda a transcendência, de toda a ontologia» [14].

Com razão se pode perguntar por que motivo terá Meyerson adoptado tão decididamente esta posição fenomenística.

[10] Sobre a exigência filosófica e a exigência crítica cf. F. *MORANDINI*, *Critica*[3], Roma, 1956, pp. 15-18.

[11] «Moi, je combats Comte, c'est donc qu'au fond je descends de lui» — confessou o próprio Meyerson (*F. LEFÈVRE, Une heure avec Émile Meyerson*, em *Les nouvelles littéraires* de 6 de Novembro de 1926). Acerca do positivismo sobrevivente em Meyerson cf. *A. BONNARD, La notion d'irrationnel chez E. Meyerson*, Paris, 1936, pp. 123-124; *T. R. KELLY, Explanation and reality in the philosophy of Émile Meyerson*, Princeton, 1937, pp. 44-47, 50; *J. H. MUIRHEAD*, no *Editor's preface* de *Identity & reality* (tradução inglesa, feita por *K. LOEWENBERG*, da primeira e grande obra de Meyerson — *Identité et réalité*), Londres - Nova Iorque, 1930, pp. 12-13.

[12] Cf. a discussão sobre *Comte et la métaphysique*, no *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, III (1903), pp. 1-24; cf. também *R. JOLIVET, La notion de substance*, Paris, 1929, p. 2.

[13] Cf. a este respeito *A. ETCHEVERRY, L'idéalisme français contemporain*, Paris, 1934, pp. 178-179, 283.

[14] Cf. *Realismo*, pp. 16-17.

Certamente não foi devido a conclusões tiradas da investigação directa das próprias sensações, pois tal investigação é, segundo ele, impossível [15]. Também não parece que a análise das percepções, feita sem preconceitos, pudesse determinar tal posição: por uma parte, reconhecendo Meyerson o «carácter ontológico» ou o «cunho do real», de que a percepção se apresenta revestida, parece até que seria, antes, de esperar uma atitude contrária ao fenomenismo; por outro lado, ainda que o filósofo não tomasse uma posição abertamente realística, o simples facto de ele mesmo ter reconhecido a grande dificuldade da análise das percepções deveria constituir, só por si, um prudente aviso contra a assunção precipitada de uma atitude categórica acerca do valor das sensações [16]. Assim, a posição fenomenística de Meyerson deve, antes, ser considerada um mero preconceito, aliás fàcilmente compreensível em quem, como ele, não só foi autodidacta em filosofia, mas deveu a sua primeira formação filosófica aos escritos de Renouvier [17].

Como quer que seja, uma coisa fica averiguada: o programa ametafísico de Meyerson, programa ilusório *de iure*, foi ilusório *de facto*.

III

Vem a propósito e vale a pena, aqui, uma breve reflexão acerca da interpretação mediatística ou ilacionística do realismo do senso comum e da ciência.

Começando por precisar a questão, noto que o realismo, tanto o vulgar ou ingénuo como e principalmente o científico, é, pelo menos em grande parte, mediato: está fora de dúvida que muitas das coisas cuja existência afirmamos, não só na vida ordinária mas também e sobretudo no domínio das ciências da natureza, muitas dessas coisas nos são conhecidas de maneira mediata, isto é, por via de raciocínio. Não vale a pena insistir neste ponto, tão óbvia, trivial e fora de questão é esta verdade.

[15] Cf. *Realismo*, pp. 16-17.

[16] Cf. *Realismo*, pp. 15,17.

[17] Em *Correspondance...*, p. 84, lê-se esta declaração a Höffding: ... « j'ai fait mon éducation philosophique primitive — je suis, comme vous savez, autodidacte en ce qui concerne ce savoir — avec les écrits de Renouvier». Cf. também *F. LEFÈVRE, Une heure avec Émile Meyerson*, em *Les nouvelles littéraires* de 6 de Novembro de 1926. Sobre o fenomenismo de Renouvier cf., por exemplo, *G. MILHAUD, La philosophie de Charles Renouvier*, Paris, 1927, pp. 32-33, 61-63, 69-70. — Escusado é dizer que a presente nota sobre o influxo de Renouvier não invalida de nenhum modo, o que em *Realismo*, pp. 9-12, 19, observei sobre a influência de Tomás Reid.

Mas—e aqui se entra na questão—será o realismo *inteiramente mediato?* Será *inteiramente raciocinativa* a afirmação da realidade transcendente? Ou, pelo contrário, não será o *primeiro* contacto cognoscitivo com essa realidade um contacto *imediato, intuitivo*, que não exclui, todavia, mas apoia até, *ulteriores* afirmações de existência baseadas em raciocínios?

Pode-se delimitar ainda mais o problema circunscrevendo-o ao senso comum, uma vez que, dadas a continuidade e a dependência do realismo científico em relação ao realismo ingénuo [18], da posição tomada quanto a este último dependerá tudo o mais. Nisto, pois, se resume a questão: poder-se-á explicar mediatìsticamente o realismo ingénuo, que, conforme se viu [19], se apresenta como convicção firme e fundamentalmente imediata?

A meu ver, a resposta deve ser franca e decididamente negativa. Supor, como é próprio do ilacionismo, que as sensações são puros fenómenos no sentido fenomenístico desta palavra e que, portanto, o acto cognoscitivo só a si próprio se visa directa e imediatamente, é enclausurar o conhecimento num puro subjectivismo de que jamais se poderá libertar. Em vão se tentará estabelecer uma «ponte» entre a sensação puramente subjectiva e a realidade transcendente por meio de um raciocínio, tal como o raciocínio causal: se a sensação não constitui já uma posse imediata e segura da realidade, quem nos poderá assegurar que a verdadeira causa da sensação é essa mesma realidade?, quem nos poderá garantir que não somos, antes, enganados pelo «génio maligno» de que falava Descartes [20]?, qual motivo sólido nos impedirá de ver nas sensações uma simples projecção do sujeito?, quem nos proibirá de sermos idealistas de facto, embora realistas na intenção?

Pretender, pois, explicar mediatìsticamente o realismo do senso comum é pretender tomar como mediato aquilo que se nos apresenta como fundamentalmente imediato; é infirmar aquilo que se nos apresenta como inabalàvelmente firme; é pretender explicar, negando, aquilo que se apresenta como inegável; é, numa palavra, renunciar à explicação do dito realismo.

Não se julgue, no entanto, que este breve apontamento sobre o carácter fundamentalmente imediato do realismo tem por fim principal ou único vingar uma tese que é cada vez mais aceita, não só entre os representantes da filosofia

[18] Cf. *Realismo*, pp. 39-40.

[19] *Realismo*, pp. 13-14.

[20] *DESCARTES, Meditationes de prima philosophia*, I (em *Œuvres*, ed. Adam-Tannery, t. VII, Paris, 1904, p. 22).

escolástica, mas até entre filósofos não escolásticos[21]. Não; o que acima de tudo me interessa aqui é fazer ver que a negação dessa tese — negação que se filia no referido preconceito fenomenístico — explica ou acarreta, de direito, posições semelhantes àquelas que foram, de facto, perfilhadas por Meyerson:

Assim, compreende-se melhor porque é que o ilacionismo deste filósofo se não concilia *nem se pode conciliar* senão com uma metafísica de tipo fenomenístico, relativístico, subjectivístico [22].

Já nos não podemos também admirar de que Meyerson haja considerado como verdadeiro tipo de explicação científica uma explicação cujo termo seria uma espécie de acosmismo ou idealismo[23]: afinal, idealístico é já o pressuposto fundamental do ilacionismo!

Igualmente se compreende porque é que o eminente epistemólogo, conquanto insista no *facto* do realismo da ciência e na impossibilidade de esta atingir o *ideal* acosmístico para o qual tende, nem por isso atribui carácter definitivo ou filosòficamente válido ao realismo científico: é que este, sendo, como é, um prolongamento do realismo ingénuo, está originàriamente minado pelo preconceito fenomenístico próprio do mediatismo!

Nem é difícil, agora, explicar o facto de Meyerson se haver proposto (ilusòriamente, como vimos) um programa ametafísico. Efectivamente, suposto o preconceito fenomenístico na base da explicação — pretensa explicação! — do realismo, cria-se, por isso mesmo, uma situação dúbia que tanto pode ser explorada no sentido de um pretenso realismo como no sentido oposto, expressamente idealístico. Ora, sendo isto assim, nenhuma atitude será mais natural ou mais lógica do que o cepticismo metafísico, que outra coisa não é o «dog-

[21] Cf. F. MORANDINI, *Realismo immediato e realismo critico*, em *Gregorianum*, XXVII (1946), pp. 9-10: « Oggi possiamo dire che non solo tra gli Scolastici — i quali per la maggior parte rimasero sempre fedeli alla dottrina tradizionale — ma anche fuori della cerchia scolastica, l'esigenza critica si va orientando verso forme più consapevoli di realismo immediato». Na sua *Critica*[3], já citada, pp. 221-222, o mesmo Autor cita e transcreve uma expressiva série de depoimentos de filósofos neo-escolásticos sobre a questão.

[22] Cf. *Realismo*, pp. 21-23,53.

[23] Um dos pontos capitais da teoria meyersoniana é a sua concepção de explicação causal. Segundo este filósofo, a ciência, no seu esforço de «racionalização do real», vai aplicando constantemente a noção de «causalidade identificante» (*identifying causality*): explicar é identificar. Assim, ao procurar explicar as coisas, tão diversas na sua multiplicidade numérica, específica, espacial e temporal, a ciência tem em vista a eliminação de toda a diversidade no tempo e no espaço, tende a reduzir o universo a um «todo indistinto» como a esfera de Parménides, dirige-se para um verdadeiro «acosmismo», para a «destruição completa» do real.

À exposição desta parte da teoria de Meyerson dediquei o capítulo III da supracitada tese de doutoramento (pp. 76-124 do respectivo original).

matismo negativo» professado por Meyerson [24]. E não é precisamente a ἐποχή programática uma atitude característica do cepticismo?

Por fim, e a modo de apêndice que neste lugar se justifica pelo íntimo nexo que une religião e metafísica, anotarei que o pretenso abstencionismo metafísico faz prever, no que à religião diz respeito, uma atitude paralela. E que, na verdade, tal foi o caso de Meyerson, mostra-o uma carta sua, de 1923, a Höffding, na qual se declara «aussi parfaitement areligieux (*a* privatif) qu'on peut l'être» [25].

Resumindo:

Uma posição verdadeiramente crítico-metafísica — a saber: o pressuposto fenomenístico — está na base da teoria meyersoniana. Esse pressuposto não só refuta a pretensão programática ametafísica, mas determina também a interpretação ilacionística do realismo ingénuo e científico e o cepticismo ou «dogmatismo negativo» de Meyerson, cepticismo mal disfarçado em pretensa ἐποχή programática.

IV

À face do exposto e da conclusão sumariada nas últimas linhas, fácil se torna sublinhar a contribuição meyersoniana, quer para a teoria geral do conhecimento, quer para a teoria do conhecimento científico ou filosofia das ciências.

Quanto à primeira, seja-me permitido acentuar dois pontos doutrinais que parecem ficar mais documentados e esclarecidos:

em primeiro lugar, *a iniludível exigência com que o problema crítico-metafísico se impõe à consideração do verdadeiro filósofo:* tentar negar essa exigência ou tentar prescindir dela é já de algum modo afirmá-la;

[24] Cf. *Correspondance . . .*, p. 41 :... «ce que je professe, dans ce domaine [= em filosofia], ressort en effet à une sorte de dogmatisme négatif». Acerca da expressão *dogmatisme négatif* cf. C. RANZOLI, *Dizionario di scienze filosofiche*[4], Milão, 1943, p. 364, s.v. *Dommatismo*, e a observação deste mesmo Autor em A. LALANDE, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*[7], Paris, 1956, p. 245, s.v. *Dogmatisme*.

[25] *Correspondance...*, p. 59. Em 1930, noutra carta a Höffding, escreveu : « Je n'ai moi-même aucune croyance religieuse définie, et bien que je n'aie pas cru devoir quitter le judaïsme—il n'est pas permis à ceux qui font partie d'une minorité ethnique désavantagée de se séparer du groupe où ils sont nés, et je ressens avec intensité les liens de solidarité qui me rattachent à ceux que je continue d'appeler mes coreligionnaires—je m' abstiens, depuis de longues années, de toute pratique et observance religieuses» (*ibid.*, p. 180).

em segundo lugar, *a gratuitidade do preconceito fenomenístico*: a maneira como Meyerson, leitor de Renouvier, abraçou tal princípio mostra bem que, para além da falível autoridade dos filósofos que o adoptaram, esse princípio não tem a sustentá-lo nenhuma base séria e segura [26].

Com respeito à filosofia das ciências, afiguram-se-me dignas do mais alto apreço as conclusões directas que Meyerson extraiu do seu exame histórico-analítico da ciência, no que se refere à natureza e ao valor da mesma ciência: as conclusões *directas* — insisto —, quer dizer, colhidas directamente do referido exame, e não a atitude que o ilustre epistemólogo tomou acerca das mesmas, induzido pelos seus preconceitos crítico-metafísicos.

Postos estes de parte, restam-nos as ditas conclusões, que se resumem na afirmação do duplo aspecto, legal e causal, da ciência e no reconhecimento da sua preocupação ontológica, do seu realismo.

Não vou repetir o que já noutra parte [27] escrevi acerca desse exame histórico-analítico e dos sérios motivos que o impõem à nossa consideração. Aqui acrescentarei apenas que, quanto ao realismo da ciência, os preconceitos filosóficos de Meyerson, longe de diminuírem, fazem antes ressaltar ainda mais o valor da verificação desse «facto indubitável»: se, com efeito, apesar de tais preconceitos motivarem a apontada depreciação do *valor* do realismo científico, se, apesar disso, Meyerson reconhece como *facto* indubitável a firmeza, a constância, a aparência filosófica, até, com que esse realismo se apresenta, mais um sinal temos da certeza desse facto e da solidez da sua verificação.

Assim, julgo que uma das grandes conclusões a tirar das investigações meyersonianas é a seguinte:

Vista como *ela* é, e não como *nós*, baseados em princípios ou preconceitos filosóficos, pretendemos que ela seja, a ciência abrange, não só o aspecto

[26] Não perderam, pois, a sua actualidade estas palavras de T. Reid:... «I once believed this doctrine of ideas so firmly as to embrace the whole of Berkeley's system in consequence of it; till [...] it came into my mind, more than forty years ago, to put the question, What evidence have I for this doctrine, that all the objects of my knowledge are ideas in my own mind? From that time to the present I have been candidly and impartially, as I think, seeking for the evidence of this principle, but can find none, excepting the authority of philosophers» (*T. REID, Essays on the intellectual powers of man*, em *The works*[4], ed. Hamilton, Edimburgo—Londres, 1854 (1863), p. 283 a).

[27] *Realismo*, pp. 25-26.

legal ou descritivo, mas também o explicativo ou causal, e tem um carácter decididamente ontológico, realístico: opõe-se, portanto, a todas as formas de positivismo, inclusivamente ao semipositivismo daqueles que, com Duhem e Maritain, admitem a legitimidade e a existência de um saber causal e ontológico, mas o excluem da ciência, relegando-o para a filosofia [28].

[28] Acerca do semipositivismo a que me refiro no texto cf. especialmente F. SELVAGGI, *Problemi della fisica moderna*, Bréscia, 1953, pp. 44-46; *Discussione sulla natura della scienza*, em *Gregorianum*, XXXV (1954), pp. 664-674. A tal semipositivismo se opõe este mesmo Autor, precisamente no sentido por mim exposto, quando diz: «Inoltre, e principalmente, riteniamo di dover rigettare l'interpretazione delle scienze, proposta dai neoscolastici summenzionati [J. Maritain, etc.], perchè contraria a quello che fanno gli scienziati nella realizzazione della loro scienza. Di fatto le scienze ricercano la realtà ontologica, l'essere reale, benchè non nella sua più ampia generalità, ma sotto una formalità peculiare, l'essere, la realtà in quanto osservabile» (*Fisica, cosmologia, metafisica*, em *Studi filosofici intorno all' «Esistenza», al Mondo, al Trascendente* (*Analecta gregoriana*, vol. LXVII), Roma, 1954, p. 197; cf. ID., *Filosofia delle scienze*, Roma, 1953, pp. 319-320).

C. M. B.
BIBLIOTECA

biblioteca municipal barcelos
28635
Meyerson e a teoria do conhecimento